

SARA BICHÃO

LIGHTLESS



SARA BICHÃO LIGHTLESS

Sara Bichão (PT, 1986), artista sediada em Lisboa, apresenta uma nova exposição na Galeria Contemporânea do Museu de Serralves. Intitulada *Lightless (Quando não há luz)*, a mostra reúne um grupo de trabalhos produzidos durante uma série de residências realizadas ao longo de mais de um ano. Com o apoio da equipa do museu e do parque, Bichão transformou uma pequena sala localizada na quinta da Fundação de Serralves num atelier. Neste espaço, a artista adaptou-se ao ambiente único do museu e às mudanças sazonais que marcam profundamente o nosso quotidiano e a nossa relação com a natureza envolvente. Como muitos dos seus projetos, Sara Bichão abraçou a imprevisibilidade, inspirando-se e deixando-se guiar pela experiência do lugar e seus recursos.

Partindo de uma filosofia de reaproveitamento e reciclagem, utilizando diversos materiais remanescentes das exposições organizadas pelo museu, mas também outros encontrados na natureza – como o saibro, que serviu de matéria-prima a um conjunto de esculturas, ou os azulejos verde-água que revestem a fonte do Parterre Lateral –, Sara Bichão lança (ainda que subtilmente) um olhar crítico sobre a produção artística contemporânea que vê a arte como mercadoria comercial, e por isso contribui para um ciclo interminável de consumo e desperdício. O seu trabalho, mesmo sem uma intenção explícita, reivindica a arte como um ato de resistência, uma ferramenta para desafiar as normas estabelecidas e promover uma consciência coletiva sobre a importância da sustentabilidade e do respeito pelo

meio ambiente. No entanto, mais do que uma manifestação política, o trabalho de Sara Bichão é uma expressão emocional e empírica, um convite para explorar novas perspetivas, novas formas de olhar o mundo e estabelecer relações com a natureza e com o outro. Aqui sente-se a mão da artista; a delicadeza dos gestos que moldaram as esculturas e coseram os tecidos; a intuição e a liberdade de uma prática que a afirma como uma voz absolutamente singular no contexto nacional. Neste entrelaçar entre arte e substância, Bichão revela a poesia do ciclo eterno, como numa roda da vida, onde cada obra absorve a essência do que foi, transformando-se no que será, num fluir constante e ininterrupto que ecoa o ritmo intrínseco da natureza.

Na exposição em Serralves tornamos parte de um ambiente imersivo, povoado por uma série de presenças indecifráveis: corpos amontoados no chão, rostos que nos observam na penumbra, um casulo suspenso que parece aprisionar a sua própria história, luzes LED azuis suspensas no teto produzindo um desenho serpenteado que nos conduz a algum lugar e parte alguma. É essa uma das muitas questões que nos podem saltar à mente quando entramos na exposição de Sara Bichão – Para onde nos leva, e o que nos diz? A beleza da sua obra reside muitas vezes nisso: no facto de não oferecer respostas definitivas e dogmáticas. Não precisa (e não deve). Para ler estes trabalhos, não precisamos de análises excessivamente interpretativas e racionais. As suas obras são poemas no espaço, acontecimentos que nos envolvem, afetam e abalam interior e fisicamente, por vezes de forma quase visceral, como visceral é o

seu processo criativo. Muita da beleza da obra de Sara Bichão reside no espaço que a artista deixa para a interpretação individual, sem ditar significados ou impor conceitos rígidos. É nessa indefinição que podemos encontrar o cerne da força do seu trabalho e a capacidade de transformar o espaço num cenário de curiosidades e possibilidades infinitas, que converte cada visita numa nova descoberta, um novo encontro, uma nova leitura e uma nova sensação.

A exposição estende-se também à sala da sacristia da Capela da Casa de Serralves, onde um conjunto de desenhos é iluminado pela intensa luz que entra por um enorme janelão. Aqui, a claridade é quase ofuscante, proporcionando uma experiência que contrasta com a penumbra que encontramos na Galeria Contemporânea. Ambos os espaços evocam uma série de dualidades – o palpável e o efémero, peso e leveza, o visível e o invisível, o tangível e o intangível, luz e escuridão – presentes na obra da artista.

No trabalho de Sara Bichão, tudo começa no desenho. Mais do que simples esboços preliminares, os seus desenhos funcionam como uma extensão visual e conceptual das suas esculturas e do seu sentir artístico. Um exercício meditativo, que se tornou numa prática constante muitas vezes conservando a poesia das esculturas e frequentemente incluindo fragmentos dos materiais e elementos que as compõem. Como nas suas esculturas, nada está ali por acaso; cada material, cor e elemento tem uma história e uma razão de ser: a tinta rosa da icónica Casa de Serralves, a apropriação de cartões e molduras provenientes de outras

exposições, o saibro, novamente o saibro, cuja tonalidade alaranjada reveste a paisagem do parque.

Lightless sugere uma viagem pelos caminhos menos iluminados da arte e da vida. Este título, envolto em simbologia e mistério, leva-nos a refletir sobre a brevidade e fragilidade da existência humana, mas também da transitoriedade dos objetos, das matérias e da própria natureza; sobre os instantes de incerteza e ambiguidade, os espaços onde se afirmam o silêncio e o invisível. Será que a pequena galeria do museu, convertida numa espécie de limbo de memórias e reminiscências dispersas, onde o tempo estagnou numa noite eterna, nos pode levar a uma reflexão mais íntima que, em última instância, nos incentiva a explorar os nossos próprios abismos internos? Afinal, tanto a luz como a escuridão são essenciais e revelam o seu encanto e significado, com mais intensidade, na expressão dos seus limites e potencialidades ou, radicalmente, na sua ausência.

Inês Grosso

SARA BICHÃO *LIGHTLESS*

Sara Bichão (PT, 1986), artist based in Lisboa, presents a new exhibition in the Contemporary Gallery of Serralves Museum. Called *Lightless*, this selection features works produced during a series of residences that took place over more than a year. With the support of the museum and park team, Bichão transformed a small outhouse on the Serralves Foundation estate into a studio. In this space, the artist adjusted to the uniqueness of the institution's surroundings and the seasonal changes that impact our everyday life and relationship with nature. As in many of her projects, the artist embraced the unexpected and allowed herself to be guided by her experience of the place and its resources.

In a spirit of recycle/reuse, making use of a range of materials salvaged from different exhibitions put on by the museum, or otherwise found in nature – such as the clay, which served as raw material for a series of sculptures, or the aqua green tiles lining the fountain in the Lateral Parterre – Sara Bichão turns (even if subtly) a critical gaze to how contemporary art is produced, where art is seen as a commodity, and thereby contributing to an unending cycle of consumption and waste. Her work, even without deliberate intention, stakes a claim for art as an act of resistance, a means to challenge established norms, enabling us to collectively become aware of the importance of sustainability and respect for the environment. Nonetheless, rather than being a political manifesto, the work of Sara Bichão constitutes a form of emotional, empiric expression, an

invitation to explore new ways of looking at the world and new perspectives on how we relate to nature and the other. This is where the artist's hand makes itself felt; the delicateness of gesture, molding the sculptures and sewing the fabric; the intuitive freeness of a practice which affirms itself as a unique voice on the national art scene. In this intermingling of art and substance, the artist reveals the gracefulness of the eternal cycle of life, steadily turning, where each work absorbs the essence of what was, to metamorphose into what will be, in a constant, uninterrupted flow echoing the intrinsic rhythms of nature.

In the exhibition at Serralves we become part of an immersive environment, populated by a series of indecipherable presences: bodies huddled on the floor, faces watching us in the dim light, a suspended cocoon that seems to imprison its own history, blue LED hoses that form a meandering design suspended from the ceiling as if they were leading us to some place without going anywhere. This may be one of the many questions coming to mind as we pass through Bichão's exhibition – Where is it taking us? What is it telling us? The beauty of her work often resides exactly in this question: the fact it does not offer definitive, or dogmatic responses. Nor does it need to. To read these works, we don't need overly interpretative and rational analyses. Her works are poems in space, events that involve us, affect, and shake us internally and physically, sometimes in an almost visceral way, just as her creative process is visceral. Much of the beauty of Sara Bichão's work lies in the space it leaves for individual interpretation, without dictating meanings or imposing rigid

concepts. It is in this vagueness that we find her work's core strength her ability to transform space into a scenario of curiosities and infinite possibilities, making each visit a new discovery, a new reading, and a new sensation.

The exhibition also extends into the sacristy of the Casa de Serralves chapel, where a series of drawings are illuminated by the intense light coming in through a huge window. Here, the clarity is almost blinding, providing an experience that contrasts with the darkness of the Contemporary Gallery. Both spaces evoke a series of dualities present in the artist's work: the concrete and the ephemeral, weight, and lightness, the visible and the invisible, the tangible and the intangible, light, and darkness.

In Sara Bichão's work, everything begins with drawing. More than just preliminary sketches, her drawings function as a visual and conceptual extension of her sculptures and her artistic sensibility. A meditative exercise that has become a constant practice, often preserving the poetry of the sculptures, and incorporating fragments of the materials and elements that make them up. As with her sculptures, nothing is accidental; each material, each color, and each element has a story and a reason for being: the pink paint from the iconic Casa de Serralves, the appropriation of cards and frames from other exhibitions, and the clay, whose orange hue covers the park's landscape.

Lightless invites us to embark on a voyage through less well-known paths of art and life. The exhibition's poetic and mysterious title leads us to reflect upon the fleetingness and fragility of human

existence, as well as the transitory nature of objects, materials, and nature itself, on those instances of uncertainty and ambiguity, and spaces where silence and the invisible reign. Can the museum's small gallery, transformed into a netherworld of scattered memories and reminiscences where time has stood still in an eternal night, lead us to engage in more intimate reflection, and ultimately propel us to explore our own hidden abysses? Ultimately, both light and darkness are essential, and more intensely reveal their enchantments and meanings, in the expression of their limits, or radically, in their absence.

Inês Grosso



Pedras



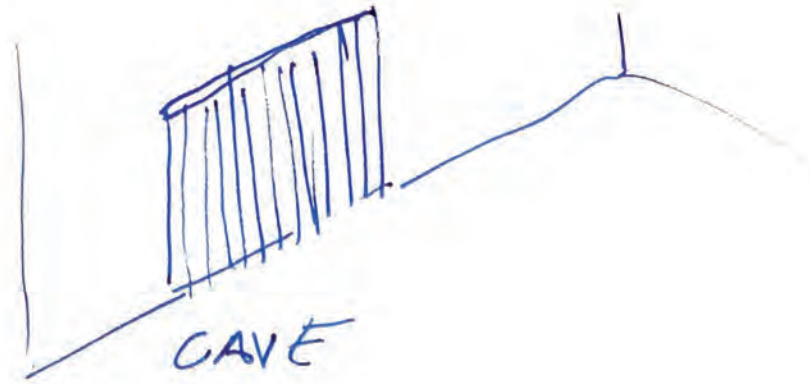
casulo



Uva



Noite

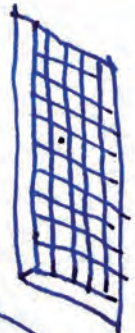


CAVE

TUMBA ~~XXXXXXXX~~



OASIS



1. LISTA DE OBRAS PATENTES NA GALERIA CONTEMPORÂNEA LIST OF WORKS ON DISPLAY IN THE CONTEMPORARY GALLERY

Tumba Tomb, 2024

Dez sacos sobre plataforma forrada a linóleo Ten bags, on a raised platform lined with linoleum

Sacos: saibro, fibra de coco, tecido de algodão, cobertor de feltro, cordão Bags: clay, coir, cotton fabric, felt sheet, cord

Pedras Stones, 2024

Dez crânios, saibro, água, cola branca, papel de arroz Ten skulls, clay, water, white glue, rice paper

Casulo Cocoon, 2024

Um saco suspenso: saibro, enchimento de espuma, pigmento de uva, grafite, tecido de algodão, cobertor de feltro, cordão
A suspended bag: clay, expanding foam filler, grape pigment, graphite cotton fabric, felt sheet, cord

Um One, 2024

Tinta acrílica sobre película espelhada
Acrylic paint on mirrored window film

Oásis, 2024

Azulejos, contraplacado marítimo
Tiles, marine plywood

Noite Night, 2024

Instalação, mangueiras, led azul
Installation, hoses, blue LED lights

Cave Underground, 2024

Porta e tapete Door and rug

2. LISTA DE OBRAS PATENTES NA CAPELA DA CASA DE SERRALVES LIST OF WORKS ON DISPLAY IN THE SERRALVES VILLA'S CHAPEL

Quando não há luz Lightless, 2024

Série de desenhos Serie of drawings

Saibro, grafite, pastel seco e tinta acrílica sobre cartolina Clay, pencil, soft pastel and acrylic paint on card

Desenho, tinta acrílica sobre tapete
Drawing, acrylic paint on rug

Desenho, tinta acrílica, grafite e pregos sobre cartão Drawing, acrylic paint, pencil and nails on cardboard

